

Tróite de  
Santo António

Peça em 4 actos  
original de

Vasco de Gouveia Alves

~ 1912 ~

# PERSONAGENS

Isabel

Carlota

Luiza

Rachel

Raymunda

Florinda

Albertina

Manuel

Miguel

Ruy

João

Francisco

Roberto

Raphael

Creado

Um pianista

Um flautista

1º Homem

2º        "        "

3º        "        "

4º        "        "

## 5. Acto

Pequena estufa bem iluminada. Ao F., um arco sobre um gabinete, onde se vê uma mesa de jogo, com as cartas espalhadas, as velas acesas e as cadeiras, em volta, desarrumadas, como se os jogadores houvessem terminado a partida. A' E. B., com as costas para um festão de plantas, um pequeno sofá de palha. Varias palmeiras e plantas, dispostas asymmetricamente, assim como a mobilia, que e' toda de palha. Varios tapetes e sobre as mesas cinzeiros, livros e illustrações.

Rachel entra pelo F, com a physionomia de raivosa; repouza em Chiquel que está á D., de pé, fumando e vendo uma illustração, e vai sentar-se no sofá da E., abanando-se nervosamente. Chiquel observa-a com um sorriso e olhar de sombaria; atira sobre a mesa a illustração e dirige-se a Rachel. Ouve-se uma valsa, tócada por um sextetto.

Scena 1ª

Chiquel e Rachel

— ellig. —

Solitaria?!  
—

— Rachel —

Ha um dictado antigo...

— ellig. —

Já adivinhei. "Mais vale só que mal acompanhado", acompanhada, n'este caso.

— Rachel —

Exactamente.

— ellig. —

E quem é que mal a acompanha?

— Rachel —

É... toda a gente, a multidão.

— ellig. —

A multidão não sabe nada, não é ninguém e uma pessoa só às vezes é tanto! Quem é? Diga.

— Rachel —

Indiscreto!

— ellig. —

Sou, é verdade. Por dois motivos: porque gosto de com-

fortar as almas contristadas  
e... porque sou amador de cu-  
riosidades. Desabafe, desaba-  
fe! Já estou com imensa  
pena.

— Rachel —

Não ria. Provavelmente deseja  
poupar a sua imaginação o  
trabalho inventivo de um as-  
sunto para umas das suas  
bellas chronicas?

— ellig. —

Indiscreta!

— Rachel —

Acertei. Nós compreende-  
mo-nos...

— ellig. —

Lastimo que só agora o te-  
nha descoberto.

— Rachel —

Porquê?

— ellig. —

Fer-nos-biamos amado.

— Rachel —

Casei.

— clig. —  
Era mais um incentivo.

— Rachel —  
Senhor!

— clig. —  
Então... Um marido é às vezes um estímulo para o amante e portanto uma garantia para esposa infiel e amante honestíssima da duração das relações...

— Rachel —  
(lev. irritada) Insolente!

— clig. —  
Perdõe-me. Sabe perfeitamente que não posso justificar-me com a insciência dos usos da boa sociedade.

— Rachel —  
Mais um motivo...

— clig. —  
... para ter piedade de mim.

— Rachel —  
(sent. n. um braço do sofá) Não atinjo.

— clig. —  
Sou um homem de facto e offi-

cialmente de talento. Como esta substancia não fôsse sufficiente para conquistâr a admiração e a exigencia dos outros e da minha algibeira, tive de arranjar uma certa originalidade, e' o termo. A esses preceitos da minha originalidade submetti, a principio esforçando-me, todos ou quasi todos os actos da minha vida. Hoje é um habito. Já não consigo desconfivelar a mascara que a sociedade me aconselhou adoptar ao rosto e á alma. É uma questão de dignidade manter o feitiço que criei. Não posso desculpar-me como toda a gente. Desculpe-me, pois.

— Rachel —

Pois sim; mas não repita esse genero de insolencia.

— Elly. —

Em todo o caso imploro-

lhe que me não provoque  
porque... eu quero a sua es-  
tima e ella provem de eu  
não ser como os outros. Eu  
nunca cortaria um callo  
deante de V. Ex.<sup>a</sup>

\_\_\_\_ Rachel \_\_\_\_

É natural.

\_\_\_\_ ellig. \_\_\_\_

Não era por respeito ou pu-  
dor; era porque não conse-  
guia ser differente de todos  
os outros.

\_\_\_\_ Rachel \_\_\_\_

Estou aborrecida. Não quero  
ouvil-o.

\_\_\_\_ ellig. \_\_\_\_

Ha certas operações em que  
somos todos eguaes. ~~o gene-~~  
~~ro humano se assemelha~~

\_\_\_\_ Rachel \_\_\_\_

A comer...

\_\_\_\_ ellig. \_\_\_\_

Não. Por exemplo...

Rachel

(batendo-lhe com o leque e como assustada)

Não acabe. Tenho a terceira insolencia.

Clig.

Conte. Quem a incommoda?

Rachel

O senhor não é homem com quem se desabafe.

Clig.

E, contudo, conheço toda a sua vida. Já alguma vez fui incorrecto fazendo transparecer algum segredo?

Rachel

Não. Foi originalidade.

Clig.

Talvez. É um dos meus defeitos: sei guardar segredo. Vá, conte. Não tenho ainda a chronica de amanhã. Quem a incommodou? O seu marido?

Rachel

Não; está a dormir.

— clig. —  
O somno dos innocentes! Re-  
leve-me a ingenuidade. O  
seu amante?

— Rachel —  
A linguagem é dura. Vou-  
me habituando... É verdade.

— clig. —  
Porque deseja acceder ás sup-  
plicas de outro apaixonado...

— Rachel —  
(indignada) Oh!

— clig. —  
...ou porque elle lhe desper-  
tou a baixera de um ciúme?

— Rachel —  
Ciúmes!... Vou falar-lhe a serio.  
Sou infeliz; sacrifiquei-me a  
um amor illicito, ou por ou-  
tra, não resisti.

— clig. —  
Fosse como fosse. E depois?

— Rachel —  
Irritá-me ver namoros ridi-  
culos, sem consequencias de-

certo, mas escusadas.

— ellig. —

O Manoel não se prende com affectos insignificantes. N'elle, tudo são paixões.

— Rachel —

É porque nunca amou.

— ellig. —

Gosa por desfastio o amor que lhe consagram ou exalta-se em paixões entusiasmáticas, fogosas...

— Rachel —

Passageiras...

— ellig. —

As vezes deixando vestígios. N'aquelle peito ha varios corações.

— Rachel —

De gelo.

— ellig. —

De fogo!

— Rachel —

Queixam-se uns aos outros e...

— ellig. —  
Fatigam-n'os, esgotam-n'os. É é imprudente tentar coartar-lhe os passos.

— Rachel —  
Isso agora! Ha compromissos, direitos...

— ellig. —  
Superior a tudo ha a natureza que os esmaga e esquece.

— Rachel —  
Conforme a pessoa que os possui se deixou esmagar ou esquecer.

— ellig. —  
Suppondo que seria possivel conservar o amor impondo-o como uma obrigação, quem é que assim o queria? Era aviltante.

— Rachel —  
Mais aviltante é o desprezo. D'esse caso resta a vingança.

— ellig. —  
Quem ama não se vinga.

Rachel

É Otello?...

Clig.

Odiou, não se vingou.

Rachel

Como queira.

Clig.

(~~veriedade falsa~~) Atorra-me! (Para a musica)

Rachel

(ao F. olhando para o E.) Acabou a valsa.  
Veem para aqui.

Clig.

Não me pede segredo?

Rachel

É inútil. O senhor é um ho-  
mem bem educado.

Clig.

Não entendo. Se me pedisse  
segredo concluiria que de-  
sejava que contasse tudo ao  
Manuel; de contrario...

Rachel

Eu sei o que digo e a quem  
o digo: ~~Falar consigo é qua-  
si falar com elle.~~

— Ellig. —

Muito pratica. Quer, portanto,  
que o avise...

## — Scena 2ª —

Os mesmos, Luiza e Manuel

— Rachel —

(fingindo não os ver entrar e rindo muito)  
Sem graça! Quem o ensinou  
a fazer rir?

— Ellig. —

A desgraça e a mentira.

— Rachel —

Explique-se.

— Ellig. —

A dor é negra, esfaimada,  
acabrunha, tortura, vive  
dentro de nós constante e  
ameaçadora. Vive nos pa-  
lacios e nos casebres; n'uma  
estátua, n'um quadro, n'um  
romance, no drama, na  
poesia, no proprio conten-  
tamento que faz chorar; sob  
as rendas e brocados que

vestem os peitos femininos;  
adentro d'estes lustrosos pei-  
tilhos de gomma que alveja-  
mos; n'um sorriso que mas-  
cara o rosto; n'estas paredes,  
n'esta mesa, n'esse leque,  
em todos os objectos que fo-  
ram fabricados com suor  
e lagrimas. Viver e' soffrer  
e em toda a obra o homem  
deixa parte da sua dor.  
Para a afugentâr e esquecer,  
de um só meio dispomos: o  
riso. É necessario que o  
proprio gargalhar seja con-  
tínuo e soante para não  
ouvirmos os gemidos e so-  
lucos que arfam em volta  
de nós e se queixam nos  
rossos peitos. É preciso rir  
e rir bem alto! <sup>(auctor tom)</sup> Foi a desgra-  
ça que me ensinou a rir.

— Rachel —

Le a mentira?

Elliz.

Tambem. A mentira e' esta  
illusao em que abafamos o  
soffrimento; e' a falsidade  
que paira nos nossos labios;  
e' o ridiculo a mascarar o  
proprio ridiculo; e'... o pó de  
arroz que lbe branqueia as  
faces; este meu lindo sapato  
que veste um pé horrivel, cal-  
loso; e' a mão de unhas lus-  
triadas pertencente a um  
corpo que se não lava; foi  
a sua gargalhada de ha pou-  
co, essa falsa tragedia. Em-  
fim, e' a mentira, e' a vida  
que me faz rir. Esta, prova-  
velmente contricta de me  
haver chamado um ho-  
mem ~~me~~ bem educado.

Rachel

Raras vezes succede arrepen-  
der-me; mas agora, confesso...

Luisa

O mundo não e' assim, se.

Miguel de Castro. Então, tudo  
é mentira? A amizade, a fé,  
o respeito, a bondade não  
existem?

— Mig. —

Não me leva a mal uma  
pergunta?

— M.<sup>el</sup> —

Acautele-se, Luísa!

— Luísa —

Diga.

— Mig. —

A uma pessoa da sua idade  
ainda não é inconveniência  
perguntar que annos tem.

— Luísa —

Fiz hoje, bontem, já é uma ho-  
ra, 18 annos.

— Mig. —

Deus permita que d'aqui a  
outros 18 me não diga: - Tem  
razão.

— Luísa —

Agradeço a lição e o  
attestado de ignorancia.

— Clig. —

Muito lhe invejo a idade em que eu todo me excofrava quando me affirmavam: —

«Não conheces o mundo, rapaz! Cresce e apparece.» (Rachel ri)

Eu dissei antes: «Não cresça nem appareça para não concluir que, de todos os animaes, é o homem o mais perverso.» (olhando para Rachel) Prefiro-me, é claro, ao genero humano... á mulher também.

— Rachel —

Agradecida pela parte que me toca. (sent. sofá) Sente-se aqui, Luiza.

— Luiza —

(sent. elleis despeitada) Julga-me, então, uma creança?

— Clig.<sup>el</sup> —

«Não faça caso. É um pessimista!»

— Clig. —

Apoiado! Esqueça o que me ouviu,

Luisa

Não sei esquecer.

llig.

Toda a gente sabe. Vinte annos  
é tão pouco! Ainda não teve  
tempo.

Luisa

Não posso provar-lhe o contrario

ll. el

Chegas a ser impertinente. Per-  
mitte aos meus 40 annos...

llig.

(emendando) Quarenta e cinco.

ll. el

(corri)... que te contêstem a theo-  
ria. Ha certos sentimentos e  
impressões que vivem a nos-  
sa vida.

llig.

É tão raro!

Rachel

Dê-nos um exemplo.

ll. el

Um amor profundo...

— Ellig. —  
Isso é rarissimo!

— Rachel —  
Falver! O amor não se esquece, não é verdade, sr. Emanuel Coutinho?

— Ellig. —  
Que ha de um homem responder a tal pergunta, feita por uma senhora? Ahente; responde que nunca se esquece.

— Ellig. —  
Inganas-te. Todo o homem pode ser delicado e franco. O amor só se não esquece quando é puro e sincero.

— Rachel —  
Assim deve ser, não lhe parece?

— Luisa —  
Parece-me que sim.

— Ellig. —  
A dificuldade está em saber quando elle é puro e sincero.

— Luisa —  
Percebe-se logo quando uma

base? É a experiencia: e a idade.

\_\_\_\_ Rachel \_\_\_\_

Duas grandes mestras que não conseguiram ensinar-o a ser correcto. Dê-me o braço, Emanuel.

(Emanuel, a rir, vai ter com Luiza que está ao F, sob o arco e conversa com ella. = Baixo e sacudida)

Parece-me de mau gosto desafiar a minha prudencia e affrontar o meu orgulho.

\_\_\_\_ Emanuel \_\_\_\_

Explique-se, sim?

\_\_\_\_ Rachel \_\_\_\_

Julgo indigno da sua parte que, na minha presença, esteja fazendo a corte a essa pequena, uma idiotasinha que, provavelmente, o tomou a serio.

\_\_\_\_ Emanuel \_\_\_\_

Suprehe-me que se refira a assumptos com os quaes nada tem que ver.

\_\_\_\_ Rachel \_\_\_\_

Estão, pois, extinctas as nos-

sas relações?

clla<sup>el</sup>

Ha tanto tempo decidiu terminal-  
nal-as. Aproximamo-nos por  
mero desejo ou capricho e  
afastamo-nos como bons ami-  
gos.

Rachel

Apenas discordo de um ponto.  
Prefiro que nos afastemos co-  
mo bons inimigos. É me-  
nos degradante para mim.

clla<sup>el</sup>

Proceda como lhe approuver.  
A mim ser-me-ha difficil con-  
siderar-me seu inimigo.

Rachel

Verá como se illude!... Talvez  
esta noite passe a odiar-me.

clla<sup>el</sup>

Não serei capaz.

Rachel

Veremos. (alto) Luisa!

Luisa

Ohinha senhora?



*Handwritten notes in the left margin:*  
- sketch of a woman in a long dress  
- see also sketch of a woman in a long dress

Para Vasco de  
mundanca,  
"autor da peça  
a conspiração  
um lembrete  
80  
Paula